

O órgão Schnitger da Sé de Mariana, para além do objecto organológico

Marco Brescia¹

Dentre os instrumentos enviados de Portugal às catedrais da América Portuguesa, o único remanescente é o órgão da Sé de Mariana, instrumento excepcional oriundo da célebre manufactura organeira Arp Schnitger, congénere ao órgão da Sé de Faro². Apesar das incontornáveis lacunas na documentação referente às origens do órgão actualmente preservado na Sé mineira até ao seu envio à América Portuguesa em meados do século XVIII, o seu escrínio protector – que revela uma mesma estruturação arquitectónica (*Schnitger Prospekt*) e uma aparentada decoração escultórico-pictórica, plenamente acorde ao gosto joanino³, com respeito à caixa que reveste o órgão da Sé algarvia – é o único testemunho, eloquente e determinante, quer da sua destinação original em Portugal – uma igreja franciscana, como atestam as armas da seráfica ordem que o adornam –, quer da sua datação, com toda a probabilidade próxima a do seu congénere cuja origem, afortunadamente, emergiu de forma cabal⁴.

Avançando no tempo, quando a documentação acerca do órgão de Mariana rompe por fim o seu delongado silêncio, sabemos que em 10 de Fevereiro de 1747 o Conselho Ultramarino emitiu parecer favorável no sentido de prover de um órgão a futura Sé que se criava⁵. Embora a criação do posto de organista figure no alvará de fundação da diocese, datado de 2 de Maio de 1747⁶, não se pode inferir à partida que um organista – mesmo que provido no cargo⁷ – tenha entrado necessariamente no pleno exercício das

¹ Organista italiano/brasileiro radicado no Porto, Doutor em Ciências Musicais (Universidades Paris IV – Sorbonne / NOVA de Lisboa), investigador pós-doutoral FCT – CESEM / FCSH / UNL. Pelo seu trabalho em prol da restituição do património organístico histórico brasileiro foi condecorado com a Medalha de Honra Presidente Juscelino Kubitschek.

² Diversos autores, Gerhard Doderer – “Relações Musicais Luso-Brasileiras do séc. XVIII: dois casos particulares”, in Rui Vieira Nery (ed.), *A Música no Brasil Colonial* (Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian, 2001) –, João Pedro d’Alvarenga – “O órgão da Sé Catedral de Faro”, in Rui Paiva (órgão), *Dietrich Buxtehude (1637-1707): Órgão da Sé Catedral de Faro* [CD] (Lisboa: Academia de Música de Santa Cecília, 2007, “booklet”) –, Elisa Freixo (ed.) – *Órgão Arp Schnitger, Sé de Mariana, Minas Gerais: Aspectos históricos e técnicos* (Mariana: Arquidiocese de Mariana, 2002) – e, sobretudo, Marcello Martiniano Ferreira – *Arp Schnitger: Dois Órgãos Congêneres de 1701, suas destinações atuais e características técnicas* [tese de doutoramento defendida em 18 de Abril de 1985 no Instituto Pontifício de Música Sacra de Roma] (Niterói: edição particular do autor, 1991) –, embora divirjam consideravelmente em questões, a meu ver, de menor calado, mais associadas à autoria – Schnitger ou Hulenkampf, mestre e oficial, respectivamente, de uma mesma manufactura organeira – e à datação dos instrumentos, convergem na questão de fundo do inequívoco parentesco entre ambos os órgãos.

³ Segundo Germain Bazin, o estilo joanino caracteriza-se pela abertura decisiva às influências italianas. O vocabulário ornamental incorpora largamente os novos elementos de inspiração italiana – “l’acanthé disparaît presque complètement pour faire place aux festons, aux arabesques, aux volutes et aux cartouches [...] ; on sent dans toute l’ornementation la méfiance du décor phytomorphe, la préférence donnée au vocabulaire abstrait” –; a escultura – convertida em verdadeiras estátuas autónomas – liberta-se decisivamente da talha, “soumettant l’architecture qu’elle avait vaincue et désintégrée”. Germain Bazin, *Architecture baroque religieuse au Brésil: étude historique et morphologique* (Paris: Éditions d’Histoire et d’Art Librairie Plon, 1956), v.1, pp. 243-245.

⁴ Para além da data 1716 pintada a ouro sobre a caixa do instrumento, da notícia histórica deixada dentro da mesma em 1874 pelo cônego António Fernandes da Cruz David, o assento do *Livro dos Acórdãos da Sé Vacante*, 1715-16, de 23 de Setembro de 1715, f. 17v., relata que Hulenkampf, “oficial de órgãos” [em absoluto um mestre organeiro!], encontrava-se em Faro naquela data “para eleger e ver o lugar mais conveniente, em o qual se houvesse [o] órgão que o muito reverendo cabido tinha ordenado se mandasse fazer”. J. P. d’Alvarenga, *op. cit.*, *apud*. António Alves Alferes Pereira, *A Sé de Faro 1716-1738: homens e acção musical* [Dissertação de Mestrado] (Lisboa: Universidade de Lisboa – Faculdade de Letras, 2006), pp. 146-147.

⁵ “Tudo o que for preciso para o exer =/ção da Ordem Pontifical, obrigaçoens’, e funçoéz’/della, para cujo fim seria conveniente commetterse/esta diligencia a pessoa, ou pessoas inteligentes, ás qua=/es se dé a incumbência de porem prompto tudo o que/julgarem neçessario para todaz as ditas funçoéz’./Da mesma sorte os ornamentos competen/tes, Ceremoniaes, Psalterios, Livro de Canto, Or=/gaão, Sinos, e tudo o maez que respeita ao culto di=/vino”. Lisboa, Arquivo Histórico Ultramarino, *Minas Gerais*, Caixa 48, Documento 12, Microfilme 41.

⁶ “Hey por bem crear, e egrir de novo Ca-/thedral na Cid.ª de Marianna q.’ nella haja/quatorze prebendas, das quaes quatro Seraõ/p.ª as Dignidad.ªs de Arcediago, Arcipreste/Chantre, e Thezor.º Mór, e dez p.ª Cone-/gos, como tambem doze Cappelães, hũ/M.ª de Seremonias, quatro moços/do Coro, hum Sacristaõ, hum M.ª da/Capp.ª, hum organista, hum Portr.º/da Maça”. Lisboa, Arquivo Nacional da Torre do Tombo, *Chancelarias Antigas da Ordem de Cristo*, Livro 227, f. 237r.

⁷ Os *Livros do Registro Geral do Bispado de Mariana* testemunham as provisões de criação dos dois primeiros postos de organista na Sé: aquele ocupado pelo padre Manoel da Costa Dantas, que devia “exercer” conjuntamente as funções de organista e capelão da

suas funções, pois a carta enviada por Gomes Freire de Andrade, governador da Capitania Geral das Minas Gerais, a Dom José I, em 30 de Junho de 1752, deixa entrever que a catedral ainda não dispunha de órgão à ocasião⁸. O recibo de compra do instrumento foi passado por João da Cunha em Lisboa a 26 de Junho de 1752⁹. Efectivamente, em 7 de Fevereiro do mesmo ano, o Ministro Diogo de Mendonça Cortereal confirmava a relação dos ornamentos enviados à Mariana, por ordem do monarca português¹⁰. A 16 de Outubro de 1752 o instrumento já se encontrava no Rio de Janeiro, tendo sido transportado junto aos 26 caixões contendo os ornamentos destinados à Sé marianense por João Leite Ribeiro, que recebera 755\$200 réis pelo encargo¹¹. Em 3 de Março de 1753 é mandada por em praça a arrematação da instalação do órgão¹². Não havendo arrematador, permite-se ao bispo contratar a obra segundo a sua melhor conveniência¹³. Finalmente, a 17 de Setembro de 1753, o cônego Vicente Jorge Gonçalves de Almeida recebe 756\$037 réis pela montagem e afinação do órgão¹⁴.

À parte de diversas reparações documentadas no último terço do séc. XVIII e primeiro do século XIX – duas das quais a cargo do respeitado organeiro autodidacta Athanzio Fernandes da Silva¹⁵ –, após o completo emudecimento do instrumento em 1937, duas intervenções de envergadura teriam lugar: a de Rudolf von Beckerath Orgelbau (1977-1984)¹⁶ e a de Bernhardt Edskes Orgelbau (1997-2002)¹⁷.

mesma a partir de 17 de Dezembro de 1748, e o segundo, por Francisco Pires da Silva, com provisão registada em 16 de Janeiro de 1750. Paulo Castagna, “Primeiros organistas da Catedral de Mariana”, *Caixa Expressiva*, ano 5, n.º 10 (2001), pp. 20-21.

⁸ “Senhor/Como em cumprimento desta Real Ordem pela distancia em que estou não posso na prezente frota ouvir o Provedor da fazenda Real das Minas geraez: Vendo o requerimento do Procurador do Bispo da Cidade Marianna, e sendo seto [=certo] pelo exame que fiz por Ordem de V. Magestade na cathedral, que nella falta orgão e Relógio, me pasesse, V. Magestade sendo servido lhe mande dar: pela precizaõ que há de hum e outro instrmento”. Belo Horizonte, Arquivo Público Mineiro, Codex 100 – SC, *apud*. M. M. Ferreira, *op. cit.*, pp. 217-218.

⁹ “Recebi do m.^{to} Rd.^o Snor.^o Beneficiado Joze de/Oliveyra hum conto e duzentos mil reis cuja coantia im=portou o Orgão q.^o lhe vendi p.^a a See da cid.^e de Marianna o qual/foy na frota deste prez.^{te} anno e de como estou pago/e satisfeito lhe pasey o prez.^{te} por mim feyto e asignado/em Lx.^a hoje 26 de Junho de 1752 a.º/Joaõ da Cunha”. Lisboa, Arquivo Histórico Ultramarino, *Rio de Janeiro*, Documento nº 16.329.

¹⁰ “Hum Orgão grande com Sua caxa e maes Ornatos, e talhas/pertencentes a elle que foy em 18 cachoens numerados com as advertencias precisas para se armar, e taõ bem em des embrulhos grd.^{es}/e pequenos numerados”. Lisboa, Arquivo Histórico Ultramarino, *Rio de Janeiro* – Documento nº 16.320.

¹¹ Belo Horizonte, Arquivo Público Mineiro, Codex 95 – DF, f. 151r., *apud*. Belo Horizonte, Arquivo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Arquivo Permanente: série I, Cidade: Mariana, Monumento: Catedral da Sé – Órgão.

¹² “Porquanto na forma da Ordem de S. Magestade de 28 de 9bro de 1750 ‘he o dito Senhor servido mandar que o Illustrissimo e Ex.mo Sr. General destas Capitánias, mande fazer na Sé da Cidade Marianna as obras, e consertos de que aquella Catedral [sic] necessitar na forma que apontou a S. Magestade o Excellentissimo e Reverendissimo Senhor Bispo de Marianna, em cujas obras e concertos entrará o assento do Orgam, que o mesmo Senhor mandou na frota passada para a dita Sé o Dr. Provedor da fazenda real mandará por em praça a obra, e conserto de que se necessita para assentar o dito Orgam na forma dos apontamentos juntos, feitos e asinados pelo Mestre das obras Manoel Francisco Lisboa; e rubricados por mim. Vila Rica a 3 de Março de 1753’ com a rubrica do Senhor Governador”. Belo Horizonte, Arquivo Público Mineiro, Codex 69 – SC, *apud*. M. M. Ferreira, *op. cit.*, p. 218.

¹³ Belo Horizonte, Arquivo Público Mineiro, Codex 107 – SC, f. 7v., *apud*. Belo Horizonte, Arquivo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Arquivo Permanente: série I, Cidade: Mariana, Monumento: Catedral da Sé – Órgão.

¹⁴ Belo Horizonte, Arquivo Público Mineiro, Codex 95 – DF, f. 145r., *apud*. Belo Horizonte, Arquivo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Arquivo Permanente: série I, Cidade: Mariana, Monumento: Catedral da Sé – Órgão.

¹⁵ Segundo o recenseamento de Itabira do Matto Dentro de 1832, Athanzio Fernandes da Silva era pardo livre, 65 anos, “muzico faz[ed]or de Orgaons”. Construiu e reparou vários órgãos em Minas Gerais, tendo realizado duas reparações no órgão da Sé de Mariana, em 1818-19 e 1828. André Guerra Cotta, “A Música em Itabira do Mato Dentro: Reflexões sobre uma pesquisa de campo e leituras de fontes secundárias”, in *Anais do V Encontro de Musicologia Histórica* (Juiz de Fora: Centro Cultural Pró-Música, 2004), pp. 84-87. A fama de Mestre Athanzio chegou à capital do império; numa representação do Inspector da Imperial Capela do Rio de Janeiro ao Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Justiça, datada de 26 de Fevereiro de 1839, lemos: “o Orgão se acha precisando de con-/certo, porque mandando-o concertar p.^o hum Organista de/Minas Athanzio Fernandes da Silva, homem hábil p.^o/isto, com o decurso destes annos, tem tornado a desaranjar-se//pela grande fabrica, que tem”. Marco Brescia, “Órgãos e Organeiros da Real e Imperial Capela do Rio de Janeiro: de Antônio José de Araújo a Pierre Guigon”, *Ictus*, 12, 1 (2011), pp. 69-70.

¹⁶ A intervenção von Beckerath Orgelbau não foi documentada pelos seus promotores. Segundo Elisa Freixo, organista que tem exercido, nas duas últimas décadas, um labor pioneiro e fundamental de salvaguarda dos órgãos históricos brasileiros: “esse restauro teve a qualidade de colocar o órgão em condições satisfatórias de uso sem destruir sinais importantes. Na década de 70, entretanto, a tradição de restauros históricos estava apenas começando”. E. Freixo, *op. cit.*, p. 12. Não obstante, Marcello Martiniano Ferreira, em sua já referida tese de doutoramento, documenta o instrumento de Mariana por ocasião desta intervenção, cuja composição era: Órgão Principal (manual inferior C-c⁷, 45 teclas) – Flautado de 12 aberto*, Flautado de 12 tapado*, Oitava real*, Quinta real*, Flautado de 6 tapado*, Quinzena*, Cheio (II)*, Cheio (III)*, Trombeta real*, Voz humana (m.e./m.d.)* –, Positivo de Peito

Apesar do preciso critério e da inequívoca excelência da execução deste último restauro, que teve por escopo o restabelecimento do plano sonoro e organismo instrumental original Schnitger, a decisão de colocar os nomes alemães dos registos nas respectivas etiquetas afixadas sobre a consola do órgão¹⁸, que, em princípio, adequa-se perfeitamente à estética organeira em causa, traz, outrossim, latente, o risco da reinvenção alegórica do passado, já que, ao nível da prática musical em Portugal no séc. XVIII – estamos sempre perante um instrumento Schnitger português nos seus alvares e luso-brasileiro em seus posteriores avatares –, um léxico alemão de registação não deixa de constituir um infundado anacronismo histórico.

Para concluir estas brevíssimas, por certo incompletas, palavras acerca deste órgão teuto-luso-brasileiro congénere e, portanto, indissociável ao órgão da Sé de Faro – não obstante o distanciamento físico-temporal e as diferentes vicissitudes históricas sofridas por ambos os instrumentos, que acabaram por lhes diferenciar sensivelmente a voz canora –, vêm-me em mente as eloquentes palavras de um dos mais eminentes teóricos da vigente linha do chamado restauro-crítico¹⁹, Giovanni Carbonara:

o restauro, como é notório, volta-se ao futuro e não ao passado, não sendo muito menos privilégio da fruição de uns poucos eleitos cultores do antigo. Exerce funções educativas e de memória no que tange às futuras gerações, aos jovens; não concerne, na essência, à complacência dos estudos centrados em si mesmos, mas sim, à formação de cada cidadão e à sua qualidade de vida, entendida no sentido espiritual e material mais abrangente²⁰.

(manual superior C-c''', 45 teclas) – Flautado de 12 tapado*, Flautado de 6 tapado*, Flauta de ponta de 3 (m.d.)*, Quinzena*, Décima nona*, Vigésima segunda*, Sesquialtera (II) (m.e./m.d.)*, Dulciana (m.e./m.d.)*. * Registo Schnitger, ** registo von Beckerath Orgelbau. Acoplamentos OP/Pd (23 primeiras teclas) e PP/OP, Trémulo, a'= c. 490 Hz, partição m.e./m.d. em c'/c's. Composição bastante próxima àquela do órgão de Faro, advinda fundamentalmente da intervenção de Pascoal Caetano Oldovino (1767), do restauro Flentrop Orgelbouw (1974) e da revisão geral de Dinarte Machado (2006): Órgão Principal (manual inferior C-c''', 45 teclas) – Flautado de 24***, Flautado de 12 aberto*, Bordão*, Oitava real**, Quinta real**, Quinta décima**, Décima sétima**, Voz Humana (m.d.)*, Cheio 1.º (II)***, Cheio 2.º (IV)*, Corneta Real (m.d.)*, Trombeta real (m.e.)*, Clarim (m.d.)*, Trombeta de Marcha***, Rouxinol*** – Positivo de Peito (manual superior C-c''', 45 teclas) – Flautado de 12*, Flautado de 6*, Flautilha de mão direita*, Quinta décima*, Décima nona*, Vigésima segunda*, Cornetilla de ecos (II) (m.e.)*, Cheio (II) (m.d.)*, Cheio (III) (m.e.)*, Cornetilha de ecos (III) (m.d.)* – Pisantes – 2 tambores***. * Registos Hulenkauf/Schnitger, ** registos Oldovini. Acoplamentos OP/Ped (9 primeiras teclas), PP/OP, a'=426 Hz, partição c'/c's.

¹⁷ Em linhas gerais, a intervenção de Edskes Orgelbau pautou-se por “um cuidadoso inventário de todas as partes que compõem o órgão e, a partir da análise dos sinais legados pela história, foi possível estabelecer a condição mais original possível”. O restauro recompôs três foles de cunha e um teclado de pedal compatíveis com a estética Schnitger. O pedal acopla-se ao manual do Órgão Principal, “segundo medidas indicadas nos manuais originais, que trazem, sob as primeiras 23 teclas do manual inferior, anéis de metal destinados à ligação mecânica com pedais”. Após uma análise em profundidade dos someiros originais, “percebeu-se que uma fileira de tubos havia sido retirada (Quintade de 16’), as 4 fileiras posteriores foram empurradas para trás e um novo registo (Flauta 4’), cujos tubos são do século XVIII de outra manufatura, fora inserido no órgão”. No que tange à canaria, existiam em Mariana quatro espécies de tubos: “os originais de Schnitger – 536 tubos, um conjunto de 68 tubos que são do século XVIII de origem desconhecida [quiza, do primeiro terço do séc. XIX, leia-se Athanasio Fernandes da Silva], alguns tubos de fábrica feitos no séc. XIX e outros tubos colocados por Beckerath [...] Os tubos originais de Schnitger e o conjunto de tubos do século XVIII foram restaurados e todos os outros substituídos por cópias”. E. Freixo, *op. cit.*, pp. 21-24.

¹⁸ A composição advinda do restauro Edskes Orgelbau é: Hauptwerk (manual inferior C-c''', 45 teclas) – [Quintade 16’ (ainda não instalada, restando em seu lugar uma Flöte 4’)], Prinzipsal 8’, Gedackt 8’, Octave 4’, Flöte 4’, Quinta 3’, Superoktave 2’, Sesquialtera (II), Mixtur (IV-V), Fagott 16’, Trompete 8’ (B/D), – Brustwerk (manual superior C-c''', 45 teclas) – Gedackt 8’, Gedackt Flöte 4’, Oktave 2’, Spitzfloet 2’ (D), Quinte 1 1/3’, Sifflet 1’, Sesquialtera (II) (B/D), Dulcian 8’ (B/D). Acoplamentos HW/Pd (23 primeiras teclas) e BW/HW, Tremulant, Diapasão a'=440 Hz, partição B/D em c'/c's.

¹⁹ “The so-called Restauro critico... the theory is based on a historical-critical evaluation of the object; it is a strictly conservative approach considering all significant historical phases, but it takes into account both historic and aesthetic aspect and allows for reintegration of a work of art under specific conditions, if this can be achieved without committing an artistic or historic fake. In the case of a conflict regarding works of art that have preserved their potential unity, and particularly when certain additions are less significant, artistic values are given priority”. Jukka Jokilehto, *A history of architectural conservation. The contribution of English, French, German and Italian thought towards an international approach to the conservation of cultural property* [Tese de Doutoramento] (York: University of York – Institute of Advanced Architectural Studies, 1986), v. 1., p. 6, *apud*. Calogero Bellanca, “Conservation, restoration, restauro: brevi spigolature sulla terminologia architettonica”, in Nicolas Stanley-Price, Joseph King (eds.), *Conserving the authentic: essays in honour of Jukka Jokilehto* (Rome: UNESCO – International Centre for the Study of the Preservation and Restoration of Public Property, 2009), p. 51.

²⁰ Tradução minha a partir do original italiano. Giovanni Carbonara, “Alcune riflessioni, da parte italiana, sul restauro architettonico”, in *Conserving the authentic...*, *op. cit.*, p. 33.